



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76

Recredenciamento pelo Decreto nº 17.228 de 25/11/2016



PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

XXIX SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS **SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA - 2025**

CARTOGRAFIAS AFETIVAS E O LUGAR: UMA OUTRA PROPOSTA DE ENSINO GEOGRÁFICO NO BAIRRO DA QUEIMADINHA.

João Vitor de Jesus Oliveira¹; Marcelo Oliveira de Faria²

1. Bolsista – Modalidade Bolsista PIBIC/FAPESB, Graduando em Licenciatura em Geografia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: j.vitor9806@gmail.com
2. Orientador: Prof. Dr. Marcelo Faria, Departamento de Educação, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: marcelo.faria65@gmail.com

PALAVRAS-CHAVE: Cartografia afetiva; Educação geográfica; e bairro Queimadinha.

INTRODUÇÃO

Esse trabalho é parte de um estudo que vem sendo desenvolvido há três anos junto ao grupo de pesquisa *Carta-Imagem: uma cartografia das experiências imagéticas* na Universidade Estadual de Feira de Santana.

O bairro da Queimadinha, localizado na periferia de Feira de Santana (BA), é retratado em discursos midiáticos como perigoso, como “área de risco”, mas, para seus moradores, é um lugar no qual se tecem memórias, trocas cotidianas e práticas de resistência, e são essas práticas que nos interessaram elencar no escopo deste trabalho através da construção de uma cartografia afetiva produzida por estudantes da escola básica da rede pública do bairro da Queimadinha.

Compreende-se o bairro como uma parcela do espaço que se transforma ao longo do tempo, acumulando diferentes camadas e marcas em diversos momentos históricos e ações humanas, camadas de histórias sobrepostas, que vão da exclusão à potência criativa (Santos, 2006). É também a experiência espacial partilhada que se expressam nos itinerários traçados pelos sujeitos no território, frequentemente associada à predados de marginalização e violência, mas que se ressignificam nos usos do território, nos sentidos e predados produzidos pelas pessoas que vivem no bairro, como demonstramos em trabalho anterior. OLIVEIRA (2024).

Nossa pergunta de pesquisa nos remeteu à duas obras de referência de registro de memórias e significados. A artista plástica estadunidense Becky Cooper que mapeou memórias afetivas na cidade de Nova York (Mapping Manhattan, 2013) e a “cartografia

profana” desenvolvidas por Vitor Marques com estudantes no centro histórico de Salvador, em 2022. (Marques: 2022).

Procuramos construir uma cartografia afetiva do bairro da Queimadinha, articulando essas perspectivas para propor uma geografia do pertencimento, onde o bairro é lido como parcela do espaço que se transforma ao longo do tempo, acumulando diferentes camadas e marcas em diversos momentos históricos e ações humanas, camadas de histórias sobrepostas, que vão da exclusão à potência criativa (Santos, 2006).

MATERIAL E MÉTODOS OU METODOLOGIA (ou equivalente)

Para a pesquisa, foi realizada uma consulta à textos técnicos sobre o espaço Lefebvre (2006), com sua tríade do espaço (concebido, percebido e vivido), sobre o lugar Tuan (1983) e Relph (2008; 2012), que discutem a dimensão afetiva e identitária dos lugares. Complementou-se com Massey (2008), cuja abordagem relacional enfatiza a natureza dinâmica e política do espaço, e Santos (2000; 2006; 2007), que critica as desigualdades na produção do espaço urbano.

No segundo eixo, sobre cartografia afetiva e participativa, a obra *Mapping Manhattan* de Becky Cooper (2013), incorporando as reflexões da Cartografia Profana de Vitor Marques (2022) que destaca o potencial político-pedagógico de mapeamentos não oficiais.

O terceiro eixo, voltado à educação geográfica crítica, revisou trabalhos como Serpa (2007) que propõe uma perspectiva fenomenológica crítica e de Viana e Oliveira (2024), cuja proposta didática privilegia o ensino de Geografia a partir da percepção dos espaços locais em relação com as esferas mais amplas de produção espacial.

RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO (ou Análise e discussão dos resultados)

Iniciamos o trabalho com a apresentação de uma planta baixa do bairro plotados em Qgis, e discutidas algumas noções teóricas importantes que mediariam nossas produções e reflexões.

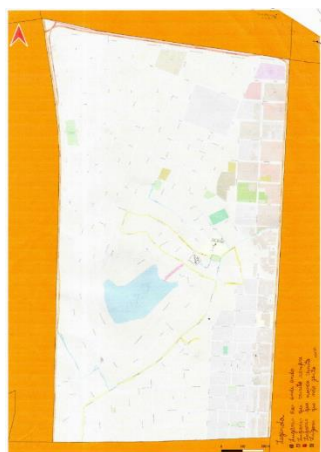
Propusemos uma cartografia como processo que envolve os estudantes como sujeitos (mapeadores) em ação (mapeamento). Buscamos, através dessa proposta, romper qualquer separação possível entre as experiências espaciais que constituem os sujeitos (mapeadores), a expressão gráfica dessas experiências (mapeamento) e os mapas, como produto dessas interpretações da realidade.

A turma composta aproximadamente por 25 alunos, em sua maioria meninas, foram separados em grupos de 5 estudantes e distribuídos mapas do bairro em folhas A4 e

pedido para marcarem pontos em comum. A primeira referência em todos os grupos foi a escola para a qual atribuíram um símbolo ou o número 1 e a legenda.

Usamos como critério comum para o registro das experiências o uso de cores, sendo utilizados o azul (lugares por onde andam / trajetos), amarelo (lugares que visitam sempre), vermelho (lugares que nunca visitam) e verde (lugares que não gostam de ir / ou interditos).

Figura 1 - mapa grupo 1



Fonte: produzido por: B, D, H, M e L. Oficina de cartografia afetiva, 2025.

A análise dos mapas afetivos elaborados pelos estudantes do 6º A, evidencia uma concentração dos deslocamentos nas vias principais do bairro da Queimadinha, representadas pelas cores azul (lugares por onde ando) e amarela (lugares que sempre visito). Essa delimitação espacial revela que, embora o bairro seja fisicamente acessível, não é vivenciado em sua totalidade pelos alunos. Tal padrão de mobilidade está relacionado a fatores como segurança, infraestrutura, presença de equipamentos públicos e vínculos afetivos.

A ausência de circulação por áreas periféricas do bairro sugere a existência de “muralhas invisíveis” ou “territórios” (Sevcenko, 1985), que não integram o cotidiano dos jovens. Essa constatação reforça a importância da cartografia afetiva como ferramenta pedagógica para revelar desigualdades espaciais e estimular a reapropriação simbólica do lugar, promovendo uma educação geográfica crítica e situada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS (ou Conclusão)

Ao se tornarem agentes mapeadores de seu lugar, produzindo narrativas visuais que dialogam com as demandas contemporâneas por cidades mais inclusivas e justas, os estudantes ampliam as possibilidades de lutar pelo seu direito ao lugar. Santos (2000).

Propor estratégias que recuperem simbolicamente e fisicamente espaços estigmatizados ou invisíveis no mapa afetivo dos estudantes, ao mesmo tempo em que se promovem discussões para ampliar o direito social de apropriação desses lugares.

Essas invisibilidades funcionam como verdadeiras “muralhas invisíveis” expressão cunhada por Sevcenko (1985), para descrever barreiras urbanas que perderam a visibilidade das antigas fortificações, mas se mantêm ativas em forma de segregação socioespacial, estigmas, cercas, grades e câmeras de vigilância. Assim, parcelas do espaço urbano são vistas como territórios interditos que dificultam a discussão em torno do exercício pleno da cidadania que, para se efetivar, como nos ensina Milton Santos, depende de seu componente territorial.

REFERÊNCIAS

- COOPER, Becky. **Mapping Manhattan: a love (and sometimes hate) story in maps by 75 new yorkers**. Abrams, 2013.
- EMICIDA; LUCINDA, Elisa. **Milionário do sonho** [interlúdio]. In: EMICIDA. *O glorioso retorno de quem nunca esteve aqui*. São Paulo: Laboratório Fantasma, 2013. Faixa 1.
- LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- MARQUES, Vitor. Cartografia Profana: políticas-poéticas de currículo e espacialidade na Geografia escolar. **Educação em Revista**, 2022.
- OLIVEIRA, João Vitor & FARIA, Marcelo. Em busca do lugar como experiência do vivido: Educação Geográfica, Percepção Espacial e configuração do bairro da Queimadinha em Feira de Santana. In: VII CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS E GEÓGRAFAS, 07 a 12 julho 2024 São Paulo. **Anais...** São Paulo 2024.
- RELPH, Edward. Reflexões Sobre a Emergência, Aspectos e Essência de Lugar. In MARANDOLA Jr, Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia de – **Qual o espaço do lugar? Geografia, epistemologia, fenomenologia**. São Paulo. Ed Perspectiva, 2012.
- SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização. Do pensamento único à consciência universal**. Ed Record, São Paulo, 2000.
- _____. **O espaço do cidadão**. 7. ed. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007. São Paulo.
- SEVCENKO, Nicolau. As muralhas invisíveis da Babilônia moderna. **Óculum**, Campinas, n. 1, p. 44-45, ago. 1985.
- SEABRA, Odette de Carvalho Lima. Urbanização: bairro e vida de bairro. **TRAVESSIA - Revista Do Migrante**, 13(38), 11–17. 2000.
- SERPA, Ângelo. **Por uma geografia dos espaços vividos**. São Paulo: EdUSP, 2007.
- TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. In OLIVEIRA, Livia de. – São Paulo. Difel, 1983.
- VIANA, Andressa de Jesus; OLIVEIRA, João Vítor de Jesus. O lugar de vivência como ferramenta para o ensino de Geografia: uma perspectiva educacional. In: IX ENCONTRO BAIANO DE GEOGRAFIA, 23 a 26 maio 2024, Barreiras, BA. **Anais...** Barreiras: [s.n.], 2024. p. 1-13.